CRISES: MILITÃNCIA, MISSIONARIDADE E UM OLHAR SOBRE A VIDA

José Roberto Saraiva dos Santos [1]

Ainda guardo em mim, o menino tímido, cheio de energia e elétrico como muitos definiam. Porém, falar da própria pessoa pode parecer piegas, personalista ou ainda, pretencioso. E porque não ser autobiográfico? Fica o resquício de que o protagonista, nesta história ou estória, não seja o eu.

Como faremos para nos livrar dessas armadilhas ou desse caminho, que poderia ser obvio, mas não é? A travessia se faz caminhando, em conjunto ou solo. Escolhi agregar. Não falaremos de vida eminentemente pessoal, mas a partir de quando me considero um sujeito preocupado, a exemplo de Sócrates o filósofo, com sua MAÊUTICA.

Dizer que a influência de três mulheres, me indicando diretamente por onde ir, foi formidável, mas também doloroso, espinhoso e muitas vezes conflitante. Essas mulheres incríveis são irmãs de meu avô materno, de minha Avó materna e de uma das tias, irmã de minha mãe. Minha Mãe é um capítulo à parte.

E, assim, meus olhos se abriram na linda cidade de Gravatá as 12 horas do dia 12 de abril de 1964, lugar onde aprendi que rico brincava e se divertia com pobres, mas também que rico é rico e pobre é pobre. Ou seja, foi ali que descobri, a partir da vivencia, o que era luta de classe, mesmo sem saber o que era aquilo, já era algo naturalizado e determinado.

Criança normal, cheia de sonhos, gostava de geografia desde o primeiro dia de aula e detestava as ciências exatas, que nem são tão exatas assim. Um misto de medroso e corajoso, influenciado muito pela irmã mais velha, que vivia a angustia de uma vida simples do interior e presa as tradições cristãs, e ao desejo de LIBERDADE.

Os traumas, por sua vez, não traremos aqui, pois, não se trata de espaço de terapia. Embora saibamos que escrever é doloroso, terapêutico e prazeroso. Mas sabemos também que começar a escrever sempre é difícil e nem sempre se consegue. Comparo ao ato de nascer e dar continuidade a vida. Sigamos com alguns detalhes desta trajetória.

OPORTUNIDADES E ENCONTROS

Nascido no interior, década de 60 no Brasil Rural, natural de Gravatá cidade do agreste pernambucano, localidade que apontava muitas possibilidades de crescer, mas no seio de numa família enorme e decadente. Do grupo familiar, cerca de 90% vivia na roça, camponeses e que passava por uma transição para um mundo urbano, sendo a cidade um estágio para a capital, Recife, gloriosa, guerreira e

[1] Geográfo, aluno do Curso de Especialização em Direito Agrário pela Universidade Federal de Goiás, Brasil.

imortal (risos), se não enxergasse assim, não seria um olhar Pernambucano. Pernambuco de Mestre Salu, de Capiba e Luis Gonzaga. Não me alongarei muito nesta seara, porque se for falar da cultura desse Estado e de Amor a esse patrimônio, será mais do que pretendemos escrever.

Nesta trajetória fomos alargando os conhecimentos na história, nas ciências sociais e na geografia humana, conhecendo mestres para época que influenciavam a literatura da escola e das livrarias, de menino pobre, que sempre teve incentivos a ler: desde José Lins do Rêgo a gibis (quadrinhos era uma verdadeira febre na infância e adolescência), passando pelas obras de Aloisio de Azevedo (O cortiço, O mulato, Uma lagrima de mulher), à João Ubaldo Ribeiro e Jorge Amado (Gabriela cravo e canela, Dona flor e seus dois maridos, A casa dos budas ditosos e Viva o povo brasileiro). Além de outros escritos bíblicos da Igreja e revistas de época, inclusive, artigos da Playboy. Não havia internet.

Este foi um período de descobertas, encontros e desencontros, mas também de oportunidades. Vivia-se pensando dentre os amigos e amigas, quem sairia primeiro para capital. Definitivamente, os matutinhos do Agreste sonhavam com a capital Recife.

Não fomos o primeiro e nem os últimos, porém, teve gente que ficou e os que ainda não foram para a "Glória" e ainda estão lá. Soube recentemente que houve um encontro dos nerdes da época, eu não seria chamado claro, sempre fui mais anarquista e do viver agora, então, fomos para o encontro dos tomadores de vinho com Beatles, Bee Ges, Rod Stuart e diversas bandas de Rock feito D doors, Led zepeplin, AC/DC, Roling Stones, Guns N Roses e MPB de qualidade, leia-se Chico, Caetano, Betania, Jorge Maltner e o Clube da Esquina. Além de Raul, Jesse, e os nossos da região Nordeste, Fagner, Elba Ramalho, Reginaldo Rossi, Leonardo Sulivan e seu irmão. Essa é outra categoria que não se pode descrever totalmente, faz-se por amostra em escala.

A vida e o trabalho a gente separa, mas era tudo junto e misturado, como diria Richar Bach, "Longe é um lugar que não existe". Comecei a trabalhar como autônomo, fazendo frete em carrinho de mão, levando as feiras das pessoas que não tinham condições e que não queriam que seus filhos fossem fazer esse serviço. Era momento de ganhar um trocado e ir ao único cinema da cidade azarar uma garota, quem sabe não se ganhava uns beijinhos ou ainda uma namorada fixa.

Estudar, não era opção, era condição, viver a vida como se não tivesse preocupação era pura ilusão, pois, todas as transformações da adolescência e da juventude vieram em turbilhão. Descobri logo cedo, que querer não é poder, e poder é fugaz e enganador, já dizia o poeta. Minha mãe trabalhava em Recife e tinha mais dois filhos para criar e, nós, minha irmã mais velha e eu, adorávamos viver no interior, Recife era meta, mas do nosso jeito. Vida difícil, claro, mas muito, muito prazerosa. Tudo era intenso e voraz.

Na Igreja Católica fui batizado, fiz primeira comunhão e fui crismado. Ali fui coroinha e secretário do padre, encontrando, naquela ocasião, a oportunidade de fazer testes para trabalhar no Banco Econômico (hoje já falido). Na

sequência, enveredei para fazer o primeiro vestibular, como experiência, antes do término do ensino médio (à época, chamava-se de cientifico), não havia tempo para pensar em outras coisas, a não ser estudar, namorar, jogar futebol e subir nas arvores do nosso quintal e, claro, ir a missa. Nem sempre nesta ordem.

Desencantei-me com a possibilidade do banco, quando cheguei perto, vi que o meu QI (quem indica) não era tão forte, embora, no aprendizado estivesse entre os 5 melhores, assumiram as vagas os 2 melhores e os 10 piores. Senti-me injustiçado e fui reclamar, foi aí que mesmo sem ter clareza dos muitos argumentos e sem saber ainda argumentar, descobri que o mundo girava em torno do poder e do dinheiro (Hoje me lembro do Hafestin e do Milton Santos, além de outros autores).

Destaque-se que trabalhei pra ajudar em casa, em armazéns de miudezas e ferragens e, já fazia vários bicos (definição de trabalho temporário e precarizado).

NOVOS PARADIGMAS

O ano de 1983 foi de definições, seja na vida pessoal, familiar e política. Terminei o ensino médio já estando na região metropolitana do Recife, daí já havia um envolvimento com a pastoral da juventude do meio popular PJMP, e, neste momento vamos a reflexão de ser ou não ser padre. Fui para o seminário de Maceió e depois para o seminário Regional de Olinda e Recife (SERENE II). Aqui acontece um momento mágico e divisor de aguas. Era o momento da Morte de Tancredo Neves e não havia a mínima compreensão do momento político, mas uma perplexidade com esse fato.

Neste espaço de estudos, passamos por uma formação sociológica e bíblica, que fez desmoronar a compreensão eclesiológica. Fui levado a um repensar do ser Igreja que faz a opção preferencial pelos pobres. Era o momento de me posicionar, de me definir. Num final de semana em casa fui entendendo o que era luta de classes, que hierarquia era questionável e que ser um sujeito político, seria saber se manifestar diante dos desafios do mundo, porém, do local ao geral (mundial).

Nesse momento estive completamente envolvido e convencido a despeito da famosa frase de Dom Helder Câmara: “Se dou comida aos pobres, dizem que sou Santo, quando falo das causas da pobreza, dizem que sou comunista”. Aqui, já com uma bagagem um pouco melhor, fui enveredando na ação pastoral da Igreja e resolvi entrar na pastoral carcerária, depois voltei a PJMP como assessoria e depois MCU – Mov Cristão Universitário.

Em 1986, ante a luta pela redemocratização e eleições, Dr. Arraes de Alencar, ganha as eleições e eu estava totalmente envolvido nestes cenários e nestas lutas. Foi uma época, em que relembrávamos, uma memória recente, onde a sociedade perdeu muitos jovens do movimento estudantil que foram assassinados pela ditadura. Antes de 1983 eu não tinha noção do estrago da perversidade da elite em conjunto com os militares da época, junta tudo isso, ao fato de que Dom Helder perdera a arquidiocese de Olinda e Recife para um

ultraconservador, (que me nego a escrever seu nome, pois dele derivou um desmonte escrachado e violento nas bases da Igreja popular). Voltou-se a grande disciplina.

A relação na Igreja foi ficando difícil, na medida que, muitas coisas foram desmascaradas e se desnudando. Assim, a decisão de permanecer no Seminário foi insustentável, envolvimento afetivo combinado a pessoa temperamental que sou, foi a gota d'água. Porém, o bicho de pé, já havia criado consistência, seguro e com convicções arraigadas, desde a Práxis de Jesus (livro do Hugo Echegaray) e a reflexão política e teológica de uma nova pratica sócial. Aqui também foi o momento de ler Marx, Hegel, Gramsc, Paulo Freire, Leonardo Boff, Jon Sobrino, Eduardo Hoonaert e Henrique Dussel, etc.

Essa ruptura parecia ser definitiva, uma critica afiada contra as estruturas da Igreja Católica, mas com auto critica profunda também. Neste momento era a hora de provar a si mesmo quanto as possibilidades de ocupar um espaço no mercado de trabalho e ir viver outra vida.

Consegui, então, trabalhar nas Editoras VOZES, SALESIANAS e EDIÇÕES DE OURO, além de outras distribuidoras de livros. Era um vendedor, ganhei muitos elogios, mas, que notoriamente havia uma disputa desleal neste ramo e que apenas ampliava meu descontentamento com esse tipo de profissão. No entanto, ao mesmo tempo há uma nova mudança de pensamento, já que estava prestes a iniciar a década de 90 e diversos movimentos acontecendo no mundo inteiro.

De 1990 em diante testemunhei as mudanças na União Soviética e um desmoronamento da guerra fria. Foi um momento marcado pela consagração de uma democratização quase generalizada, porém, representativa apenas, globalizante e de um capitalismo crescente, globalizado.

> "A partir de 1990, ocorreu o surgimento de outras formas de organização popular, mais institucionalizadas - como a constituição de Fóruns Nacionais de Luta pela Moradia, pela Reforma Urbana; Fórum Nacional de Participação Popular etc. Os fóruns estabeleceram a prática de encontros nacionais em larga escala gerando grandes diagnósticos dos problemas sociais, assim como definindo metas e objetivos estratégicos para combatê-los. Emergiram várias iniciativas de parceria entre a sociedade civil organizada e o poder público, impulsionadas por políticas estatais tais como a experiência do Orçamento Participativo, a política de Renda Mínima, bolsa/escola etc. A criação de uma Central dos Movimentos Populares foi outro fato marcante nos anos 90, no plano organizativo; ela estruturou vários movimentos populares em nível nacional tais como a luta pela moradia, assim como buscou fazer uma articulação e criou colaborações entre diferentes tipos de movimentos sociais, populares e não populares."
> Maria da Glória Marcondes Gohn

Neste Cenário, vou ao encontro de amigos e amigas dos tempos do seminário. Havia sido demitido do trabalho de uma editora, e, portanto, estava em férias forçadas. Na ocasião, encontro o pessoal do CIMI NE, momento

desafiador, seguido de um reencontro que me deixou inquieto. Consultei a família sobre a proposta desse pessoal e recebendo luz verde, volto a esse meio e meio que enferrujado, fui apreendendo qual a mística das pastorais sociais e, de modo especifico, dessa pastoral de fronteira e de uma mística encantadora.

A formação da referida pastoral era sistêmica e em campo, ou seja, apreendia-se fazendo, a partir de uma equipe cuja composição era de acordo com os perfis dos agentes. Trabalhar com os indígenas era uma novidade e um lugar desconhecido. Por outro lado, havia uma luta forte e crescente pela recuperação territorial destes povos e isso me instigava, pois era notório o movimento de ressurgimento de vários povos.

O conflito carregava em si, a oportunidade de crescimento do movimento indígena. Consegui estar presente em vários territórios de povos na região Nordeste, de modo especial, os povos do sertão pernambucano, onde me afeiçoei e tive a oportunidade de intensificar essa presença.

Nesta passagem de 14 anos pelo CIMI, tivemos as alegrias de várias conquistas territoriais dos povos que acompanhamos. No entanto, também tivemos muitas perdas, um dos casos marcantes foi o assassinato do Cacique Xicão do Povo Xukuru do Ororubá, no dia 20 de maio de 1998. Além de Xicão, outras lideranças, desta vez do povo Truká, também foram brutalmente assassinadas, cite-se Adenilsom (Dena) e Mozenir.

Nesta experiência missionária e pastoral, vivenciamos a criminalização das lideranças indígenas e mantivemos as lutas conectadas com as ações de outros movimentos. Acompanhar as retomadas de terras dos indígenas no Nordeste foi algo extremamente marcante e emocionante, uma vez que, momentos como este tem um significado cosmogônico.

Neste cenário, enxergamos novos rumos e movimentos de resistências dos povos indígenas diante desses Estados neoliberais:

> "Historicamente excluídos e invizibilizados para uma Política e um Direito colonialmente eurocentrados, os povos indígenas aproveitaram a nova onda avassaladora de exclusão e invisibilização trazida pelo neoliberalismo, para dar um novo e decisivo impulso no movimento pela sua visibilidade política e jurídica, através do questionamento das premissas monoculturais do Estado. " (Lacerda, pp 243 2014).

Apostar nestas lutas e nestas historias tem sido razão para se enfrentar o colonialismo que mora dentro de nós, que se hospedou nesta sociedade de forma vil e avassaladora. Continuar dando sentido aos ressignificados dos povos, na sua autodeterminação e construir uma proposta decolonial é motivo de luta incessante, é o "desvejo" de homens e mulheres que em tempo de manter um sonho, o meu, o seu e de todos que creem na liberdade e na justiça.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

LACERDA, Rosane Freire, *"Volveré, y Seré Millones": Contribuições Descoloniais dos Movimentos Indígenas Latino*

Americanos para a Superação do Mito do Estado-Nação, vol. I 2014 p 243

GOHN, Maria da Glória Marcondes, palestra Movimentos Sociais e a Construção da Cidadania, realizada em 22 de novembro de 2000. Disponível em: <https://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev19/gohn_1.htm>